

A revista *A Vida* e o jornal *Spartacus*: espaços sociais de produção e circulação de idéias e práticas da educação libertária

Cristina Aparecida Reis Figueira *

Resumo

O texto analisa os periódicos libertários, a Revista *A Vida* (1915), e o jornal *Spartacus* (1920) ambos editados no Rio de Janeiro, sob a direção do professor José Oiticica. Buscou-se apreender destes periódicos os aspectos essenciais de sua organização, de seu funcionamento e as suas estratégias de circulação no espaço social do debate junto à rede de produtores e leitores adeptos da educação anarquista. O diálogo historiográfico priorizou editoriais e artigos de seu diretor, em especial, aqueles que trataram dos temas da educação libertária e das estratégias e táticas para formação da “sociedade nova” por meio do debate jornalístico. Das incursões a estes periódicos delineou-se o espaço social dos embates de idéias entre os sujeitos das redes de intelectuais da imprensa anarquista.

Palavras chave: Imprensa – Anarquismo – José Oiticica.

Abstrac

This paper examines the libertarian journal *Revista Vida* of 1915 as well as the newspaper *Spartacus* of 1920, both published in Rio de Janeiro, under the direction of Professor José Oiticica. We have tried to capture the essence of these journals for their organization, their operations and their strategies of social movement in the space of debate among the network of producers and readers, supporters of the anarchist education. The historiographical dialogue focused the editorial and articles of its director, especially those dealing with the issues of libertarian education, training strategies and tactics for the "new society" through the journalistic debate. From these periodic incursions we have outlined the social spaces of ideas confrontation between the subjects of intellectual networks and the anarchist press.

Keywords: press, Anarchism, José Oiticica.

Esta pesquisa objetiva apresentar *A Vida* e *Spartacus*, dois periódicos libertários que estiveram sob a direção de José Rodrigues de Leite e Oiticica (1882-1957) em circulação no Rio de Janeiro, na segunda década do século XX. De *A vida*, a comunicação destaca o artigo “Desperdício da energia feminina” de Oiticica, cuja publicação estendeu-se por cinco números da revista e do jornal *Spartacus* apresenta aspectos de constituição. Estes periódicos compõem a seleção de fontes selecionadas, organizadas e trabalhadas durante a minha pesquisa de doutorado¹ que tratou da reconstituição historiográfica da trajetória e do itinerário de formação deste intelectual, catedrático do Colégio Pedro II e militante das ações da educação anarquista.

* Mestre e Doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP

¹ FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira. Tese de Doutorado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade – PUC-SP em abril de 2008.

A vida

A revista *A vida*, foi fundada em 30 de novembro de 1914 sob a direção de José Oiticica, em parceria com o médico Francisco Viotti. O último, dos seus sete números foi publicado em 31 de maio de 1915. Entre os colaboradores dessa revista, destacaram-se Fábio Luz, Astrojildo Pereira, Orlando Correia Lopes, Hermes Fontes, Primitivo Soares, Efrem Lima, João Pentead, Adelino Pinho, intelectuais envolvidos com as atividades da imprensa anarquista e que mantinham estreita interlocução com José Oiticica.

A iniciativa da fundação de *A Vida* partiu do Grupo Editor Novos Horizontes e do Comitê Pró-Congresso, dois grupos atuantes da imprensa libertária e anticlerical que haviam recolhido contribuições em dinheiro para a realização de um congresso internacional anarquista no Brasil no início da segunda década do século XX que deveria reunir expoentes anarquistas de outros países. A arrecadação que havia sido feita por meio de listas de subscrições foi insuficiente e os membros dos referidos grupos resolveram usar o dinheiro fundando a revista *A Vida*.

A fundação de *A Vida* reverberou por toda imprensa libertária do período. Um dos jornais anticlericais e libertário de circulação mais expressiva *A Lanterna*², dirigido no período por Edgar Leuenrouth, publicava semanalmente circulares de apoio à Revista *A vida*. Uma das circulares, datada em 05 de dezembro de 1914, argumentava que o dinheiro utilizado na fundação da revista estava parado e se fosse conservado paralisado seus responsáveis estariam cometendo um crime de “lesa propaganda”. Outro argumento defendia a iniciativa da publicação como a melhor forma de aplicação desse dinheiro, pois a revista nascia com a função de servir de como “um traço de união entre os anarquistas”, por intermédio da qual os anarquistas do Brasil se conheceriam e se corresponderiam.

No expediente de *A vida*, seus editores apresentavam o periódico, convidavam os leitores a enviarem suas colaborações, informando-lhes sobre as normas de funcionamento como mostra seu excerto:

EXPEDIENTE

[...] VARIAS: *A Vida*, obra de idéias e não de comércio conta apenas para se manter com a venda de seus números. De todos aqueles a quem possa interessar-se espera pois que a divulguem o mais possível confiando a iniciativa de cada um o emprego dos meios mais adequados a semelhante desideratum. Aos que desejem conhecer a nossa revista, enviaremos um exemplar desde que nos solicitem; também responderemos a todas as informações que nos sejam pedidas referentes aos fins que esta revista persegue.

² *A Lanterna - Anticlerical e de Combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4.

[...]DA COLABORAÇÃO: Todos os leitores de *A Vida* são seus colaboradores pelo que podem mandar os trabalhos que desejarem com a certeza de que serão publicados desde que estejam dentro da orientação que preside a revista. Os trabalhos recebidos que não sejam publicados serão devolvidos se forem reclamados dentro de um prazo de três meses. Trabalhos anônimos não se publicam. Os originais radicalíssimos no vocabulário e vulgaríssimos na forma não publicaremos, bem como não daremos acolhida a questões particulares ou pessoais. Todos os artigos publicados nesta revista que não levem a indicação de tradução ou de sua procedência, se são transcritos, são garantidamente inéditos.

[...]A NOSSA MEZA DE LEITURA: Os jornais e revista que conosco queiram permutar, e os folhetos e livros que nos sejam oferecidos serão, muito em breve, postos a leitura livre de toda a gente. Pedimos portanto, a todos os grupos editores que enviem os seus folhetos e periódicos á nossa meza de leitura.(*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº1, 30-11-1914).

A destinação de *A Vida* não era o grande público. Seus editores e colaboradores articulistas dos jornais libertários anunciavam que o periódico serviria com um importante veículo para os grupos de estudiosos simpatizantes ou militantes anarquistas interessados em compreender a questão social brasileira e serviria para a constituição de quadros do movimento operário dentro e fora do Brasil. Estes objetivos podem ser encontrados em muitas circulares e artigos dos periódicos libertários do período. Consistia numa estratégia recorrente que acionava sujeitos em redes de solidariedade em torno das ações da chamada propaganda social libertária que pode ser examinada no trecho de uma das circulares de apoio a esta revista:

Por ela os camaradas espalhados por toda esta enorme região terão conhecimento de todas as ações de propaganda que se realizem em qualquer ponto do país, das iniciativas que surgirem dos novos elementos que chegam a engrossar a nossa falange revolucionária, terão, enfim, conhecimento de toda a nossa vida anarquista. Analisando e comentando em resenha, os factos capitais da vida social e política brasileira, inserindo uma crônica do movimento social internacional, apreciando e resumindo as obras de sociologia que se forem publicando em língua portuguesa, inserindo colaboração do anarquismo no Brasil, permitindo controvérsias e promovendo inquéritos para o conhecimento do problema econômico e social da região brasileira, a nova revista constituirá, além de uma preciosa fonte de informações e documentos, um não menos apreciável meio de educação anarquista. (*A Lanterna - Anticlerical e de Combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4).

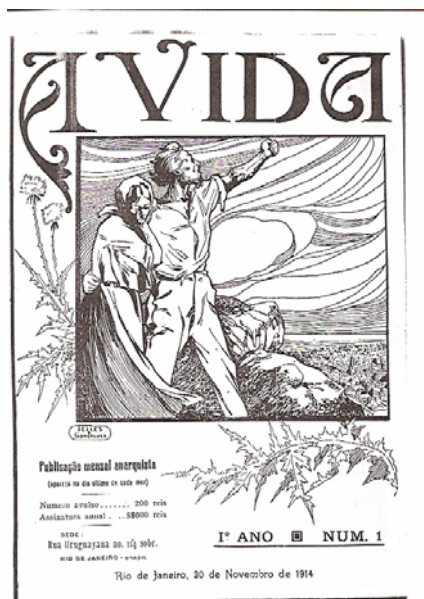
Outras circulares publicadas de outros periódicos libertários estimulavam a leitura de *A Vida*, lançavam temas a serem desenvolvido por novos colaboradores, recolhiam encomendas de livros, folhetos e jornais da propaganda libertária a serem distribuídos/vendidos pela revista.

Em *A vida*, a coluna intitulada, “Leitura que recomendamos”, apresentava o preço de cada obra ao lado dos títulos e dos seus autores. O grupo editor cobrava o selo do correio e se

disponibilizava a enviar qualquer encomenda de publicações estrangeiras. Na sessão “jornais” dessa coluna, *A Vida* anunciava a venda de assinaturas de quatro jornais dos quais recebia apoio, como *A Lanterna*, *A Voz do Trabalhador*, *La Propaganda Libertária*, *A Aurora*, *Tierra Y Libertad*.³ O preço da revista era “200 réis avulso e de 5\$000 réis por assinatura anual” aparecia na capa da revista e em todas as circulares de apoio em outros jornais que, em geral, conclamavam que todos os leitores dos periódicos anarquistas se empenhassem para prosseguir com essa iniciativa de fazer circular a revista. Na circular *A Lanterna*, já mencionada, comentários sobre a qualidade do papel de suas 16 páginas e elogios a ilustração da capa da revista eram estratégias para despertar o interesse do leitor pela revista.

Ao examiná-la podemos compreender o tipo de representação que os editores da revista construíram de um casal de operários. A mulher é representada como uma figura resignada que está ao lado de um homem trabalhador forte corajoso, que com o punho serrado mostra-lhe o caminho a seguir para a consecução da luta pela emancipação humana. Encoraja a mulher a entrar na luta pela liberdade, reagir à resignação e a olhar para os “novos horizontes” da sociedade futura:

Figura 1 - Capa da revista *A Vida*



(*A Vida*, ano I, nº 1, 30-11-1914)

O uso da charge era recorrente na imprensa do período para fazer com que os periódicos não passassem despercebidos à massa de analfabetos. Em jornais, como, por exemplo, *A Lanterna*, a primeira página quase sempre trazia uma charge. Além do recurso das imagens incentivava-se a leitura em voz alta para aqueles que não sabiam ler.

³ *A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº1, 30-11-1914.

Cabe mencionar que no Brasil deste período ainda não havia mercado editorial constituído, sendo costume dos homens de letras publicarem seus livros em Portugal. Além disso, nem sempre era fácil conseguir uma obra. Os livros eram caros e raros. A vida e os outros periódicos libertários se propunham a preencher esta lacuna. A revista *A vida* se destinava a um público letrado, interessado nas questões sociológicas e biológicas, mas mesmo assim o periódico fazia uso das mesmas táticas dos jornais operários no que diz respeito ao uso da charge na capa e na publicação de prescrições de leitura.

O objetivo mais aparente de *A Vida* era estabelecer ou intensificar o contato com a produção libertária brasileira e de outros países, como, por exemplo, Portugal, ampliando as conexões extrapolando os limites do país. Havia conexões, estabelecidas entre os editores e os colaboradores de *A Vida* com os professores anarcosindicalistas portugueses, destacando as obras do professor português Adolfo Lima Diretor da Escola Oficina nº 1 de Lisboa pois as suas obras tinham destaque entre aquelas que eram oferecidas aos leitores.

No número 02 de *A Vida*, publicado em 31 de dezembro de 1914, há um artigo intitulado *Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa*, que mostra que o periódico recebia críticas, às quais seu grupo editor responde da seguinte forma: “Mas para os descontentes ou insatisfeitos bem intencionados, o fato de a revista não lhes ter agradado não deve ser o motivo para o seu desaparecimento; muito pelo contrário deve ser motivo para se empenharem em melhorá-la”⁴

Neste artigo, Oiticica e seu grupo apresentavam *A Vida* com um projeto editorial desafiador. Deixavam claro que o objetivo da revista era servir como veículo para os debates em torno do projeto educacional internacional dos anarquistas. A revista, buscava agregar a colaboração de seus críticos, que poderiam mostrar a sua solidariedade enviando a revista contribuições, quer fossem textos, ou outros tipos de provimentos para que a revista pudesse ter um alcance maior. Conclamava-os a apoiarem o periódico para garantir regular periodicidade, argumentavam que a qualidade dos artigos de cada publicação geraria a confiabilidade e reconhecimento do público leitor de outros países.

De fato, *A Vida* parecia ser um projeto ambicioso para o período. Suas dificuldades financeiras eram anunciadas em cada número, acompanhada ao estímulo da “força de vontade” da militância convidada a contribuir para a “ádua tarefa de editar jornais” e revistas em prol da “obra da *propaganda social*”.

Na vigência de circulação de *A Vida*, em cinco dos seus sete números, José Oiticica

⁴ *A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 31-12-1914.

publicou um ensaio sociológico intitulado *O desperdício da energia feminina*, cujo conteúdo versou sobre a emancipação feminina, contra a resignação da mulher como um valor ensinado pelos padres católicos. Esta temática dialogava com a ilustração da capa da revista. O principal objetivo de seu editor era convencer os seus leitores sobre a necessidade da emancipação feminina, principalmente porque, Oiticica reconhecia a mulher como a primeira pedagoga dos filhos. Todas as mulheres deveriam ter consciência libertária e estudar pedagogia para oferecer às crianças uma educação para o livre pensamento.

Oiticica se propõe no ensaio a explicar “a ação da mulher no trabalho humano”, a partir de um balanço “do quanto concorre ela para o saldo e do quanto desperdiça” de energia, e também de “verificar se a sociedade atual [oferecia a mulher] os meios [para] desenvolver a sua capacidade transformadora de energias” ou então se a sociedade atual “lhe [tolhia] a expansão de ser, lhe [comprimia] a atividade pessoal”.⁵ Para responder a essas questões ao longo do seu ensaio, Oiticica empreendeu críticas e combate ao Estado, ao capital e à Igreja, explicando a função de cada um, discorrendo sobre os conceitos de energia, de autoridade e sobre o papel que cada uma das instâncias tinha na sociedade atual para todos, e especificamente para a mulher. Com esse procedimento Oiticica apresentava as suas teses sobre a mulher:

A-) as condições aviltadas do trabalho feminino afetavam as gerações seguintes, pois “[...] o desperdício das energias físicas femininas [estendiam-se] nos seus estragos irreparáveis, às gerações futuras, por que a hereditariedade não perdoa”.

B-) a mulher precisava ser emancipada para poder oferecer aos filhos uma educação libertária, só se assim ocorresse, seria possível criar a humanidade nova, para a construção da sociedade nova, por meio da revolução social e a partir da ação direta, das ações espontâneas.

C-) a emancipação intelectual ofereceria-lhes condições para que a mulher pudesse se defender dos perigos dos fanatismos. (*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7).

Oiticica mostra a mulher deveria participar da luta pela sociedade solidária e apresentava propostas a serem encaminhadas por todos, a mulher livre ao lado do homem livre:

Nesse programa entra a mulher como ser autônomo, companheira livre do homem livre, cooperadora consciente de maximização da energia humana, guiada pela mesma ciência, pelos mesmos direitos, isenta da religião, da miséria, da falsa moral de castidade, do autoritarismo da moda, do casamento e da prostituição. Que resta fazer a mulher? Entrar no movimento. O primeiro passo nesse rumo é abandonar a Igreja, libertar a razão, começar a emancipação intelectual. Conseguido isso o espírito está aberto a compreender o problema social de luta para a consecução dessa humanidade futura, consecução que é o sonho mais fecundo, a mais bela utopia, a concepção mais alentadora que já formulou no mundo: a ANARQUIA. [...]. (*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 5, 31-03-1915, p.18, grifos nossos).

⁵ *A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7.

A idéia da “formação intelectual livre” é recorrente nos artigos de *A Vida* escritos de José Oiticica. A tônica é a defesa da formação intelectual livre, uma condição imprescindível para as escolhas livres. Esta afirmação é precedida no artigo de uma importante condicionante: a necessidade de estar fora da sociedade capitalista que tira de todos a possibilidade de efetivar escolhas.

Spartacus

Após o encerramento das publicações de *A Vida*, em 31 de maio de 1915, o professor Oiticica continuou a colaborar nos jornais *A Voz do Trabalhador*, *A Lanterna*, *O Debate* fundado este em 1917, por Astrojildo Pereira e Adolpho Porto e, em 1918, passou a colaborar também com o jornal *Liberdade*, sob direção de Pedro Matera. Em 02 de agosto de 1919, apesar da vigilância policial, recém saído de seu segundo encarceramento, José Oiticica fundou o jornal *Spartacus* com as parcerias de Astrojildo Pereira⁶, Santos Barbosa, I. d’Avila, Izauro Peixoto, Adolfo Busse, Salvador Alacid e Cruz Júnior.

O jornal *Spartacus*, lançado em 02 de agosto de 1919, finalizou suas publicações em 10 de janeiro de 1920, totalizando 24 números. O primeiro exemplar desse jornal mostrava, em sua primeira página o seu principal objetivo, anunciava-se como “*Spartacus: Modesto, mas irreductível, todo ele consagrará á obra imensa da revolução social dos nossos dias*”. O número 4, de 23 de agosto de 1919, anunciava tiragem dos anteriores “4.000. 6.000. 8000 exemplares...”

O jornal foi fundado em meio a intensa repressão policial e estampava seus número frases como: “sabe exprimir os etos de revolta e os anseios de esperança das massas proletárias”, mostrava em seu discurso, que a sua publicação era uma ação de resistência desencadeada contra a dura repressão policial do período e também indicava que o seu público era o proletariado. A recorrente frase “anseios de esperança” mencionados nas capas de *Spartacus* não referiam somente para as “massas”, mas exprimiam também o desejo de seus editores, recém-saídos do exílio e da prisão.

Em relação ao título do jornal vale mencionar um trecho do seu primeiro editorial em que Oiticica explica as razões que levaram o grupo de editores a denominar o jornal de *Spartacus*, discorre sobre os registros da história de sua época e protesta sobre a semi-escuridão do personagem, declarando que com os libertários se processava o “resgate” do rebelde romano como

⁶ Mais tarde, com a fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922, quando são notadas divergências entre comunistas e anarquistas que se complicariam nos anos seguintes, Oiticica rompeu relações com Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e outros.

SPÁRTACUS

A maior figura da história romana é SPARTACUS. Nossa educação aristocrática, de opressores favorável sempre aos dominantes e aos governos constituídos, deixa na sombra essa alma extraordinária. CARLYLE, em sua galeria heróica, se esqueceu do herói como revolucionário e não viu na biografia desse revolucionário revelações do mais desabalado heroísmo. A história parcialíssima, guardou minuciosamente os feitos do ambicioso e fútilíssimo POMPEU, deu-lhe o triunfo sobre SPARTACUS, e deste homem registrou frases suspeitas e largos movimentos de campanha. PLUTARCO, não nos biografava o gladiador, fala nele biografando CRASSUS. Não importa para o símbolo, vale muito a semi-obscuridão histórica. Ele apaga as circunstâncias para focalizar o tipo em sua significação ideal. Tira dele o muito humano que o desagradaria e lhe infunde algo divino que sugere e nos seduz. Seja como for SPARTACUS avulta cada vez mais na história antiga. Esquecido sistematicamente sua efígie começa a iluminar-se no passado, desde que entre os homens repontou a sede de justiça, o orgulho da emancipação. [...] SPARTACUS foi um clamor humano, o angustiado grito de milhões de mártires, um protesto sangrentíssimo contra os amos da República, reclamação erguida em lei, a igualdade em rebelião. [...] (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 02-08-1919, p.9).

Ao reclamar sobre o apagamento do “herói revolucionário” esquecido nas biografias que lhe atribuíram o lugar da “semi-obscuridão histórica”, Oiticica apresenta aos leitores a proposta do periódico *Spartacus* em seu objetivo de ser a voz que não “apaga as circunstâncias”, traçando um paralelo entre a vida do personagem “mal representado” e as colunas deste jornal:

Nos gemidos dos famintos, no exterior dos soldados europeus assassinados, nos cantos da rebeldia proletária, no ranger das penas reivindicatórias, nas vozes dos tribunos libertários, no tumultuar dos comícios de protestos, em toda a parte onde bradar uma alma constrangida e chorarem olhos de oprimidos o espírito de SPÁRTACUS vibrará e cintilará uma faixa de sua irradiação, ele viverá com impulso de revolta, como gênio de renovação. E ele que nos brada, nestas colunas suas. Impregnadas de seu sangue, do seu martírio do seu exemplo convocando os descontentes de toda a Terra para realizarem de uma vez a obra antiga da Harmonia humana. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 02-08-1919, p.9.).

Esse jornal acionou estratégias e táticas para a sua manutenção similares as que podem ser verificadas em outros jornais da imprensa operária, como a venda de assinaturas, a circulação de listas de subscrição voluntárias e uma fortalecida rede de solidariedade expressa nas propagandas de apoio aos outros periódicos libertários. Formavam uma rede de “apoio mútuo” e, constantemente, recomendavam a leitura de outros periódicos, circulavam rifas para custear a produção e a circulação das folhas libertárias, promoviam-se festas nas sessões de *propaganda social* e realizavam campanhas.

O formato de *Spartacus* era semelhante a de outros jornais da época, na forma de

tablóide, todos os espaços eram ocupados. Havia o recurso dos jargões, acompanhando as tendências da linguagem da imprensa ilustrada. O jornal explorava o recurso da charge, publicava letras de músicas, poesias e fábulas. Essas linguagens do jornal serviam para conquistar o público leitor e não passar despercebido aos iletrados. Os recursos eram de um humor comprometido com as causas da militância libertária, seja no que diz respeito ao clericalismo, seja para chamar a atenção para as questões das desigualdades e do imperativo da greve como a principal reação de rebeldia.

Nos artigos que se referem a educação o sentido atribuído à educar é diferente de instruir. A *obra da educação pela propaganda social* tinha na concepção de José Oiticica o sentido de formação do ser social. Ela deveria estar em consonância com a luta mais geral em prol de si mesmo e de todos. Ao passo que a instrução não vinculada aos compromissos da transformação social era um fim que se encerrava a si mesma e, portanto, não servia à formação de consciências autônomas. Educar não era a mesma coisa que instruir, e a educação não era sinônimo de instrução. Oiticica em seus dois lugares de pertencimento como catedrático do Colégio Pedro II e como militante da educação libertária defendia em seus discursos a organização das “nossas escolas”. Para ele só essa educação talhada no terreno do próprio trabalhador teria condições de proporcionar uma educação para autonomia.

Fontes primárias:

Jornal: *Spartacus* (Direção José Oiticica e Astrojildo Pereira), ano I: nº 1, 02.08.1919, p.1; nº 3, 16.08.1919, p.1; nº 4, 23.08.1919, p.1; nº 5, 30.08.1919, p.1; nº 6, 06.09.1919, p.1; nº 7, 13.09.1919, p.1; nº 9, 27.09.1919, p.1; , nº 11, 11.10.1919, p.1; nº 12, 18.10.1919, p.1; nº 13, 25.10.1919, p.1; nº 15, 08.11.1919, p.1; nº 16, 15.11.1919, p.1; nº 24, 10.01.1920, p.1.

A Vida – Revista mensal (Direção: José Oiticica e Francisco Viotti), ano I: nº 1, 30 de novembro de 1914; nº 2, 31 de dezembro de 1914; nº 3, 31 de janeiro de 1915; nº4, 28 de fevereiro de 1915; nº5, 31 de março de 1915; nº 6, 30 de abril de 1915; nº1, 30 de novembro de 1914; nº7, 31 de maio de 1915.

A Lanterna - Anticlerical e de Combate, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4.